



ARAUJO, Alan Livan. Da possibilidade da experiência e deslocamentos na escola. Um estudo sobre práticas intervencionistas em uma Escola Pública Estadual de São Paulo. São Paulo: Escola Estadual Maria José. Estudante de Mestrado vinculado ao Programa de Pós Graduação em Arte Educação do Instituto de Artes da Unesp sob orientação de Carminda Mendes André. Bolsista vinculado ao Programa de Formação Continuada de Educadores da Secretária de Educação do Estado de São Paulo.

RESUMO

Este texto pretende uma aproximação com algumas práticas de intervenção realizadas em uma escola da Rede Pública Estadual de São Paulo. Intervenções estas realizadas a partir das proposições contidas no Caderno do Aluno e Caderno do Professor, materiais normativos elaborados pela Secretária da Educação. As escolas públicas da rede estadual de São Paulo possuem uma particularidade, o Novo Currículo, em vigência desde 2009. Foram adotados cadernos bimestrais com orientação do que o professor deve aplicar aula a aula, acompanhado de cadernos de atividades para os estudantes. No material de Artes a ser aplicado no Ensino Médio, em particular no primeiro ano, a Intervenção ganha papel de destaque, uma espécie de eixo temático do curso. Serão estudadas tanto as ações que foram levadas do planejamento até sua concretização como alguns outros processos que não se realizaram. Este procedimento será adotado, por se entender que isso traz um aspecto importante a ser observado, a dificuldade de concretizar as ideias e para além disso a possibilidade de se entender estas ações como eventos processuais.

PALAVRAS-CHAVES: Intervenção, performance, escola, experiência.

ABSTRACT

This text intends to an approximation with some intervention practices carried out in a Public School Network State of Sao Paulo. These interventions were carried out from the propositions contained in the Student Workbook and Teacher's Notebook, normative materials prepared by the Secretary of Education. The public schools of the state of Sao Paulo have a peculiarity, the New Curriculum, in effect since 2009. Bimonthly books were adopted under the guidance of the teacher must apply classroom lesson, accompanied by books of activities for students. Arts in the material to be applied in high school, particularly in the first year, the intervention wins role, a kind of main theme of the course. Will be studied both the actions that were taken from planning to fulfillment as some other processes that did not occur. This procedure will be adopted, because they understand that it brings an important aspect to be observed, the difficulty of realizing the ideas and in addition the possibility to understand these actions as proceedings events.

KEYWORDS: Intervention, performance, school, experience.

As escolas públicas da rede estadual de São Paulo possuem uma particularidade, o Novo Currículo, em vigência plena desde 2009. Foi adotado um material normativo composto de livros bimestrais com orientação do que o professor deve aplicar aula a aula, acompanhado de cadernos de atividades para os estudantes, respectivamente Caderno do Professor e

Caderno do Aluno. Aos coordenadores pedagógicos foi atribuída uma nova função, a de observar a aplicação do conteúdo apresentado no Caderno do Professor e no Caderno do Aluno, devendo assistir as aulas sempre que isso for considerado necessário, pela Coordenação Pedagógica ou pela Direção Escolar¹, estabelecendo-se assim um clima de vigilância.

No material de Artes a ser aplicado no Ensino Médio, em particular no primeiro ano, a questão da Intervenção ganha papel de destaque, estando presente nos quatro bimestres se configurando como uma espécie de eixo temático do curso. No primeiro bimestre ela surge no final em uma Situação de Aprendizagem², nos outros a questão da Intervenção dá nome ao conteúdo a ser trabalhado no decorrer do mesmo.

Fui entrar em contato com este material normativo no que tange ao primeiro ano do ensino médio e que compõe o objeto de estudo desta pesquisa, no ano de 2010, pois em 2009 ministrava aulas apenas para o ensino fundamental, ciclo II, que compreendem da quinta a oitava série, tanto em sua modalidade regular, como na de EJA (Educação para Jovens e Adultos). No início minha relação com este material foi marcada pela minha indisposição, assim como da maior parte do quadro discente. A indisposição não advinha da qualidade do material, que no caso de Arte, por exemplo, se constituiria como um importante apoio para as aulas se fosse indicado, como sugestões de orientações para os professores. O problema é que ele chegava às escolas acompanhado de orientações explícitas por parte da Secretária da Educação de que não eram sugestões, mas algo a ser aplicado obrigatoriamente, submetendo assim os professores a um material que orientava o que deveria ser aplicado aula a aula.

Continuo tendo o entendimento que qualquer material normativo que estabelece um planejamento estanque ao professor fere sua autonomia, mas hoje possuo outra percepção destes cadernos. Imbuído por um espírito de pesquisa resolvi fazer daquela obrigatoriedade um momento de reflexão sobre minha prática enquanto professor.

Ao fazê-lo pude perceber que em relação ao Novo Currículo e ao material normativo oriundo dele podemos perceber um paradoxo interessante. Em certa medida este material questiona a autonomia do professor, orientando o que deve ser aplicado aula a aula. Mas por outro lado ao olhar esse material com mais vagar, deparei-me com algumas proposições das artes contemporâneas que podem impulsionar o arte-educador atento a realizar ações de deslocamentos³ e ressignificações⁴, ações potencialmente

1 Conforme comunicado emitido aos professores no planejamento de 2008 e 2009 e reforçado em algumas reuniões de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo).

2 O material é organizado em situações de aprendizagem, divididas por temáticas inseridas em um mapa denominado Território das Artes.

3 Por deslocamento pode-se ler a ação de tirar certo elemento do seu lugar estabelecido, transpondo certos limites. Liga-se a busca presente na arte contemporânea de minar as fronteiras que separam a arte e a vida.

4 As proposições de ressignificações contidas nos Cadernos operam a partir de expedientes como a desfamiliarização do olhar, que buscam a possibilidade de atribuímos novos significados as coisas que nos cercam.

insurgentes, ações que possibilitam a criação de espaços de subjetivação, dentro das grades escola, onde a autonomia criativa pode ser vivenciada mesmo que de forma momentânea. Foi na descoberta dessas brechas deixadas nos Cadernos que passei a ousar em realizações poéticas radicais com os estudantes.

A reflexão a seguir se constrói a partir de duas ações deste tipo realizadas na Escola Estadual Maria José, localizada no bairro do Bexiga no município de São Paulo.

Troca-troca

Pela primeira vez todo um período de funcionamento das aulas na escola era envolvido na realização de uma intervenção. Neste caso o período noturno. Isto aconteceu, fruto de uma coincidência, três salas propuseram a mesma ação onde os homens vestiriam roupas de uso convencional para o gênero feminino e vice versa. Dois segundos anos, que trabalhavam a questão de como transformar um lugar da escola em um espaço cênico e algumas pessoas de uma turma do terceiro ano que viu que a Intervenção poderia ser usada como forma de dialogar com um problema imediato: um garoto que estava vindo assistir aula de salto alto e estava sofrendo pressão de alguns colegas por conta disso. Até então não tinha trabalhado algo assim, mas decidi estender o convite para as outras quatro salas. Adentrávamos um terreno novo com aquela intervenção onde não só costumes arraigados eram questionados, mas fazia-se isso usando o próprio corpo. Em algumas salas houve discussões acaloradas, com explícitas demonstrações de machismo e homofobia e pessoas se posicionando, defendendo o direito de se vestir fora dos padrões impostos e de vivenciar a sexualidade de múltiplas maneiras.

Em uma sala alguns estudantes questionaram que eu também deveria me vestir de mulher. Tentei argumentar sobre o meu papel de professor, mas no fundo estava com medo, como muitos ali. Ao perceber o quanto essa conversa de “sou professor” não se sustentava e se constituía uma posição reacionária da minha parte, resolvi entrar na brincadeira, convidando os outros professores do período a fazer o mesmo. Prevendo a dimensão que aquela intervenção tomaria, abri uma discussão no HTPC e informei ao diretor.

No dia da ação meu estado de ânimo não era dos melhores, provavelmente pelo desgaste gerado por algumas discussões meio pesadas sobre o assunto. Alguns estudantes, na entrada da escola, me perguntavam se ia acontecer e eu respondia que era melhor adiar para a outra semana. Até que, já em aula, um menino bate na porta da sala. Era um desses garotos tachados como bagunceiros e que muitas vezes demonstrou um apego ao estereótipo do machão. Ele estava maquiado e com um brinco pendurado na orelha. Entendi ali que a Intervenção já estava acontecendo, quisesse eu ou não.

Na maioria das salas, o grau de excitação com a brincadeira era alto, com muitos meninos já se maquiando. Muitos meninos que compartilham daquele

estereótipo do “mano”, do machão, colocaram shortinhos, salto alto, maquiagem e brinco. Além de mim, dois professores⁵ integraram a brincadeira e também se vestiram de mulher. As estudantes, em sua maioria, também colocaram roupas masculinas. Alguém trouxe caixinhas de som, e uma espécie de baile foi improvisado, seguido de um desfile. O que se viu no intervalo foi um grande carnaval ou melhor dizendo, um ritual de carnavalização, com forte relação com aquilo que Bakhtin denominou de “*tempo alegre*” onde uma outra relação com o tempo é estabelecida e vive-se um momento marcado por elementos de licença, de liberdade e de utopia popular podendo-se pensar mesmo no estabelecimento de uma “atmosfera corporal específica” (BAKHTIN, 1977, p.191/199). A troca de roupas entre os gêneros estabelecidos é própria deste momento de carnavalização e até hoje encontramos expressões que se utilizam deste expediente em folguedos populares espalhados pelo Brasil.

A impressão que se tinha era a de abertura de uma fresta no tempo e no espaço, ocupada rapidamente pelos foliões. No tempo de um intervalo, no espaço de uma parte do pátio, os intervencionistas instauraram um lugar a parte onde o importante era o brincar, o rir e o se divertir, suspendendo momentaneamente julgamentos de qualquer ordem, bagunçando com as hierarquias e experimentando outras possibilidades de vivenciarem seu corpo em relação com o do outro numa espécie de Zona Autônoma Temporária (BEY, 2004) de curtíssima duração.

O sinal da escola tão semelhante ao apito de uma fábrica ou a sirene de um presídio anunciava não só o término do intervalo, mas também que a brincadeira tinha chegado ao fim. Mas aquilo continuaria reverberando.

Pijamaço.

No momento de elaborar as intervenções, visando ações que ganhassem outros espaços da escola, estudantes de uma dessas salas propuseram que viessem todos de pijama assistir as aulas e que assim como feito com o “Troca-troca” o convite para a ação fosse estendido para as outras salas. Mais uma vez fui envolvido na ação, vindo ministrar as aulas de pijama e chinelos. Combinou-se que quem fosse participar traria seu pijama na bolsa, trocaria de roupa no banheiro, assistindo as duas primeiras aulas e participando do intervalo vestido desta maneira. Boa parte da escola vestiu toda sorte de roupas apropriadas para dormir: pijamas, camisolas, baby-dolls, roupas de ficar em casa, junto com pantufas, chinelos, travesseiros, ursinhos de pelúcia, edredons e cobertores. Era perceptível uma vibração ruidosa no ar, sendo que muitos estudantes permaneceram de pijama mesmo depois do intervalo.

Esta intervenção incidiu, como em outros casos, diretamente na questão do corpo e isso se evidenciou já no momento de sua preparação. Ao trazer a proposta do pijamaço para a discussão, em todas as salas, sem exceção eu

ouvi a mesma piada, como se programado: “mas eu durmo pelado, vou poder vir assim?” E a piadinha era seguida de toda a sorte de comentários de cunho sexual que podiam surgir ligados a ela. Esta coincidência, da piada e dos comentários que a sucediam, denota, em certa medida, o quanto a proposta de usar um vestuário diferente mexe com o imaginário das pessoas, e remete diretamente ao sexo.

Na volta pra sala, pessoas fizeram críticas direcionadas a algumas participantes da intervenção, indignadas pela forma como algumas colegas se vestiram, “extrapolando certos limites”. Muitas dessas críticas foram expressas através de um cunho moralista e machista, com expressões como “elas não se valorizam”. Registro uma dificuldade grande de posicionamento no interior do mesmo. Combater expressões como a citada, fazem parte de um processo cansativo de debate contra o machismo e a cultura do estupro, mas que em grande medida eu consigo me posicionar. Mas percebe-se que ao propor outras práticas comportamentais uma intervenção como esta adentra uma outra seara, verdadeiro campo minado, que traz à tona a questão delicada dos limites. Qual o limite em se expor o próprio corpo? Existem vestuários que devem ser usado só “entre quatro paredes”, como foi observado por uma das meninas? É possível uma resposta direta para estas questões?

Este debate e outros suscitados por estas ações intervencionistas segue em curso, não só de forma teórica, mas tendo os corpos em movimento pelos vários espaços da escola como parte preponderante da discussão.

BIBLIOGRAFIA.

- ANDRÉ, Carminda Mendes. *Teatro pós-dramático na escola*. (Inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula). São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz (org). *Corpos informáticos. Performance, corpo, política*. Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte, UnB, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.
- CABALLERO, Ileana Diéguez. *Cenários liminares: teatralidades, performances e política*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011.
- FINI, M.I. (Cord.). *Caderno do professor: arte*. Secretária da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Geraldo de Oliveira Suzigan, Gisa Picosque, Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste, Sayonara Pereira. São Paulo: SEE, 2008
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- MESQUITA, André. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva*. São Paulo: Annablume editora, 2011.